

Breves considerações sobre as causas e consequências da invasão russa na
Ucrânia

Brief considerations on the causes and consequences of the Russian
invasion of Ukraine

Paulo Roberto Barbosa Ramos¹
Diogo Diniz Lima²
José Mariano Muniz Neto³

Resumo

Trata-se de uma abordagem histórica do conflito Rússia vs Ucrânia por meio da qual são demonstrados os elementos para uma adequada compreensão da relação histórica entre esses países, incluindo a dinâmica relativa à sua formação territorial. A seguir, aborda-se a questão sob a perspectiva da soberania em um contexto de globalização. Por fim, são discutidos os impactos desse conflito no cenário geopolítico mundial.

Palavras-Chave: Rússia; Ucrânia; Soberania; Globalização; Geopolítica.

¹ Professor Titular de Direito Constitucional da UFMA. Pós-Doutor em Direito Constitucional pela Universidade de Granada – Espanha. Doutor em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenador do Mestrado em Direito e Instituições do Sistema de Justiça da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do Núcleo de Estudos de Direito Constitucional da UFMA. Promotor de Justiça Militar do Ministério Público do Maranhão. E-mail: paulorbr@uol.com.br

² Advogado. Mestre em Direito e Instituições de Justiça (PPGDIR/UFMA). Graduado em Direito pela Universidade Federal do Maranhão. Pesquisador do Núcleo de Estudos de Direito Constitucional da UFMA. Pesquisador bolsista da Fundación Carolina (Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha) - 2011. Pesquisador no Departamento de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Universidade de Granada (2011). Pesquisador no Centro de Pesquisa Peter Häberle (2011). Doutorando em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão. Superintendente do SESI/MA. Email ddinizlima@gmail.com.

³ Advogado. Administrador e Pregoeiro da Universidade Federal do Maranhão. Mestrando em Direito e Instituições do Sistema de Justiça da Universidade Federal do Maranhão. Membro pesquisador do Núcleo de Estudos de Direito Constitucional da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: jose.muniz@ufma.br

Abstract

It is a historical approach to the Russia vs Ukraine conflict through which the elements for an adequate understanding of the historical relationship between these countries are demonstrated, including the dynamics related to their territorial formation. Next, the issue is approached from the perspective of sovereignty in a context of globalization. Finally, the impacts of this conflict on the world geopolitical scenario are discussed.

Keywords: Russia; Ukraine; Sovereignty; Globalization; Geopolitics.

1. Introdução

O conflito bélico iniciado após a invasão das forças militares russas no território ucraniano é o acontecimento com impacto geopolítico global mais significativo das últimas décadas.

O mundo entrou em uma cadência de alerta, com parcerias estratégicas sendo fortalecidas, ficando cada vez mais evidente que o tabuleiro do xadrez mundial é jogado por dois grandes operadores e dúzias de peças valor mediano.

Até mesmo especulações sobre uma terceira grande guerra ganharam solidez após o aumento da escalada discursiva dos envolvidos e da utilização de armamentos que até então somente eram apresentadas em festivais militares serem empregados mais fortemente como objeto cotidiano da nova da estratégia militar, demonstrando quase que cabalmente que não há mais território distante para o alcance destrutivo das armas atuais.

Assentados tais pressupostos, o texto inicia por uma abordagem histórica do conflito, demonstrando os principais elementos de necessária compreensão sobre a relação entre Rússia e Ucrânia, incluindo a dinâmica relativa à formação territorial. A seguir, passa a analisar o tema sob a perspectiva da soberania, bandeira tão amplamente tremulada discursivamente ao longo desse período de conflito e seu atual sentido ante o efeito fortemente presente da globalização. Por fim, ambas as abordagens – histórica e atual – unem-se para a compreensão dos elementos centrais do significado próximo da invasão russa, mas também são indicadas alterações mais profundas que esse fato provocará em um cenário pós-guerra de reordenação da ordem mundial.

2. Elementos históricos preliminares

Não é possível tratar de forma adequada da invasão russa na Ucrânia, iniciada no último 24 de fevereiro de 2022, sem que se faça uma rápida análise de eventos históricos ocorridos principalmente no início e final do século XX, os quais repercutiram sobremaneira sobre a região geográfica que hoje é o cenário de mais uma guerra na Europa.

Rússia e Ucrânia integravam, até muito recentemente, o país conhecido como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), caracterizado por um regime autocrata controlado por um sistema político de partido único, no qual os opositores eram duramente perseguidos por um governo forte e centralizado.

Ao mesmo tempo a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ocupava a posição de segunda maior potência econômica e militar do mundo, o que contrastava e rivalizava geopoliticamente com as democracias ocidentais que estavam sob a forte influência e liderança dos Estados Unidos da América.

No período que sucedeu a II Guerra Mundial o antagonismo entre as superpotências Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) marcou o chamado período de Guerra Fria.

Ainda dentro desse contexto, e considerando uma recente fala do atual presidente da Rússia, país que antes de 1989 era o centro gravitacional da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Ucrânia nem sempre fez parte do império soviético, já que não foi criada inteiramente pelos bolcheviques da Rússia comunista⁴.

A história da Ucrânia, na verdade, tem origem no passado medieval do leste europeu (séculos IX e XIII), quando a região que corresponde hoje ao seu território era ocupada por povos eslavos, organizados em tribos que formavam uma espécie de federação (em sentido prematuro) conhecida como Rus de Kiev⁵.

⁴ Em matéria publicada em 21 de fevereiro de 2022, pela CNN Brasil, intitulada “Putin reconhece independência de duas áreas separatistas da Ucrânia”, consta que Putin ao reconhecer a independência de duas áreas separatistas da Ucrânia em um pronunciamento televisionado (21.02.2022) afirmou que [...] “a Ucrânia moderna foi inteiramente criada pela Rússia, mais precisamente, pelos bolcheviques, a Rússia comunista. Esse processo começou quase imediatamente após a revolução de 1917”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/putin-faz-discurso-sobre-situacao-na-ucrania/>>. Acesso em: 22/03/2022.

⁵ Em outra matéria publicada em 27 de fevereiro de 2022, pela BBC News Mundo, intitulada “Como nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia”, afirma-se que “foi esse grande Estado medieval, que os historiadores chamam de Rus de Kiev, que deu origem à Ucrânia e à Rússia - cuja capital atual, Moscou, surgiu no século 12. [...] Entre os vários dialetos eslavos falados na região, acabaram se desenvolvendo as línguas ucraniana, bielorrussa e russa.” Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-60549234>>. Acesso em: 22/03/2022.

Importa anotar, no entanto, que a partir de 988 o príncipe Vladimir, governante dos povos rus de Kiev, influenciado por sua avó, a princesa Olga,⁶ que já havia se convertido ao cristianismo oriental grego, buscou consolidar o cristianismo ortodoxo no território que estava sob seu domínio e que correspondia, naquele período, aproximadamente ao território que hoje é a Ucrânia, Bielorrússia e parte da Rússia, se estendendo ainda até a região do Báltico. O governante se preocupava com outros estados monoteístas próximos ao seu território e esta foi a maneira empregada por ele para tentar unificar seu povo por meio da religião.

A figura do príncipe Vladimir, que fora batizado na Crimeia e é considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica (São Vladimir de Kiev),⁷ é tão significativa na cultura russa que em 2014, ao anexar a Crimeia ao domínio territorial da Rússia, o presidente Putin invocou o nome do santo príncipe para justificar a ofensiva, declarando naquela oportunidade que para o povo russo a Crimeia era uma terra santa assim como o Monte do Templo em Jerusalém era para os muçulmanos e os judeus, fazendo uma referência ao local de batismo do príncipe Vladimir (que era de Kiev e não de Moscou), fala que foi contestada por muitos historiadores e teólogos⁸.

No entanto, a partir do século XIII o território dos Rus de Kiev passou para o domínio do Império Mongol, e o seu declínio gerou uma divisão do território entre o grão-ducado de Moscovo e o grão-ducado da Lituânia, este último fazendo parte da Polônia (comunidade polaco-lituana). Desde então, a história do território ucraniano tem sido marcada por disputas entre diversos povos e potências estrangeiras, como os tártaros (mulçumanos de origem turca), austro-húngaros, otomanos, suecos, cossacos e russos⁹.

⁶ Também chamada de a princesa viúva de Kiev, “ela é reverenciada na Rússia como a primeira cristã do país, a Santa Princesa Olga”. Disponível em: < <https://br.rbth.com/historia/86475-por-que-a-antiga-rus-escolheu-cristianismo>>. Acesso em: 22/03/2022.

⁷ Sobre São Vladimir de Kiev, na liturgia da Igreja Católica, consultar o sítio eletrônico da Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <<https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-vladimir-de-kiev>>. Acesso em: 22/03/2022.

⁸ MITO DE PUTIN QUE COMPARA CRIMEIA COM JERUSALÉM DEIXA HISTORIADORES RUSSOS PERPLEXOS. **InfoMoney**. 2014. Disponível em: < <https://tecnoblog.net/responde/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acesso em: 22/03/2022.

⁹ Disponível em: < <https://www.publico.pt/2022/03/15/infografia/historia-ucrania-sete-mapas-caminho-ate-soberania-673>>. Acesso em: 22/03/2022.

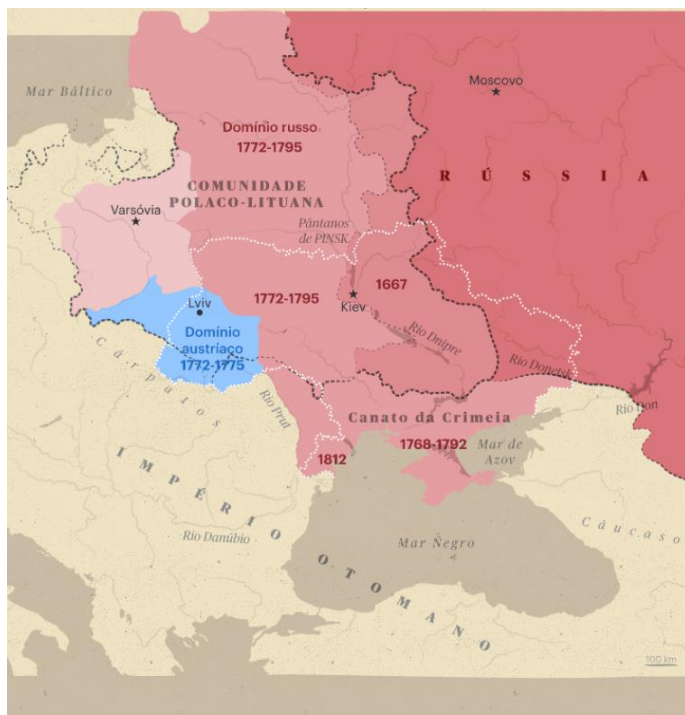


Fonte: Publico.pt

Já no século XVII, o império czarista da Rússia conquistou uma parte deste território, no leste da Ucrânia, que estava sob domínio dos polaco-lituanos, a partir do rio Dnieper (região referenciada na historiografia como a margem esquerda da Ucrânia). Algumas décadas depois, a imperatriz Catarina, a Grande, idealizou uma expansão territorial até Istambul, passando ao longo do mar Negro, que foi a chamada de Nova Rússia, termo que atualmente tem sido utilizado pelos separatistas de Donetsk e Luhansk, no leste país¹⁰.

No século seguinte, o oeste da Ucrânia, na região de Lviv, passou ao domínio do Império Austro-Húngaro.

¹⁰ Na visão de Frank Gardner, correspondente de segurança da BBC, “para o presidente russo, Vladimir Putin, para quem esta guerra parece ser pessoal, há um significado histórico em tudo isso. Ele vê a costa do Mar Negro da Ucrânia como pertencente a algo chamado *Novorossiya* (Nova Rússia) — terras russas que remontam ao império do século 18.” Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60824820>>. Acesso em: 22/03/2022.



Fonte: Publico.pt

Foi durante essa fase histórica que houve o surgimento do nacionalismo na Ucrânia, quando as populações dos territórios a oeste, sob domínio do Império austro-húngaro, passaram a se autointitular de ucranianos, como forma de contrapor o processo de russificação, como é chamado, que ocorria na região a leste do rio Dnieper sob domínio do Império Russo, onde a língua ucraniana havia sido proibida e a fé ortodoxa russa incentivada.

É preciso destacar, contudo, que no quadro histórico de alterações do domínio territorial da Ucrânia houve um evento decisivo para o surgimento da Ucrânia moderna: a Revolução Russa de 1917.

Ocorrida durante a fase final da I Guerra Mundial, a Revolução Bolchevique foi um dos principais acontecimentos do século XX, tendo derrubado o império czarista dos Romanov na Rússia, que já durava mais de trezentos anos e naquele período estava sob o poder do czar Nicolau II. Tudo isso ocorreu após uma guerra civil que terminou em 1921 com a vitória do Exército Vermelho, dando início à construção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), estabelecida em 1922.

Sendo uma das prioridades para o novo governo bolchevique, uma vez que atendia a reivindicações pautadas pelos revolucionários que exigiam a saída da Rússia do conflito bélico mundial desde o período czarista, foi celebrado com as potências centrais (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Reino da Bulgária e Império Otomano) o Tratado de Brest-Litovsk,

em 3 de março de 1918, como um acordo de manutenção da paz, ratificando a saída da Rússia da I Guerra Mundial.

No referido tratado, além de ceder territórios até então sob o domínio russo às potências centrais, houve também o reconhecimento da independência da Ucrânia pela Rússia, além de outros estados. Ocorre que, com a derrota da Alemanha no final do mesmo ano de sua assinatura, o Tratado de Brest-Litovsk foi anulado, frustrando os nacionalistas ucranianos e dando origem aos movimentos de independência do país nas principais cidades, como Kiev, Kharkiv e Lviv.

Ao final da I Guerra Mundial, o oeste ucraniano na região de Lviv voltou ao domínio da Polônia, mas por pouco tempo, já que após a II Guerra Mundial a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) voltou a dominar o oeste da Ucrânia, na região de Lviv, e a própria Polônia ficou sob a influência soviética no pós-guerra.



Fonte: Publico.pt

Vale anotar que durante o regime totalitário stalinista, entre os anos de 1932 e 1933, ocorreu Holodomor (em ucraniano significa “deixar morrer de fome”), um genocídio de milhões de pessoas vitimadas pela fome na Ucrânia soviética, resultante das políticas econômicas que Stalin empregou.

Não bastasse isso, durante a II Guerra Mundial o território da Ucrânia foi novamente devastado durante o conflito armado. Nesse período, alguns nacionalistas ucranianos, sobretudo do oeste do território, se aliaram aos nazistas alemães acreditando que com isto poderiam obter a independência. Porém, no final a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) saiu vitoriosa do conflito bélico. Assim, adiava-se novamente o sonho independentista dos nacionalistas ucranianos.

Durante o período da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o governo de Stalin transferiu muitos cidadãos soviéticos para a Ucrânia com o objetivo de repovoar a região. A maioria dessas pessoas não conhecia o idioma e nem possuía laços culturais com aquela república soviética. Desta forma, esteve em curso um novo processo de russificação em terras ucranianas, mas a Moscou soviética não alcançou o domínio cultural daquele país como pretendido¹¹. O idioma russo era dominante na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mas na Ucrânia as crianças eram alfabetizadas no idioma nativo o que ajudou a fortalecer os laços culturais que com o tempo fortaleceram o movimento nacionalista ucraniano.

Vale destacar ainda que, em 1954, quando Rússia e Ucrânia estavam unidas sob a mesma bandeira da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o ex-líder soviético Nikita Khrushchev atendeu ao pleito da Ucrânia pela anexação da península da Crimeia, cuja população era de maioria russa e o território pertencia à Rússia.

Somente com a queda do muro de Berlim e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991, é que a Ucrânia emerge como um Estado independente,¹² sendo uma das chamadas ex-repúblicas socialistas soviéticas do leste europeu, tendo suas fronteiras reconhecidas pela Rússia em um tratado de 1997.

Importante notar que é nesse momento histórico conturbado que também se iniciava a ascensão política do atual presidente da Rússia, Vladimir Putin. Nascido no início da década de 1952, em São Petersburgo (antiga Leningrado), Putin graduou-se em direito e ingressou na KGB, o serviço secreto soviético, mas sua meteórica carreira política teve início em 1994 como

¹¹ Segundo matéria publicada em 27 de fevereiro de 2022, pela BBC News Mundo, intitulada “Como nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia”, Geoffrey Hosking, historiador especializado em Rússia, considera que “decisões econômicas, políticas e militares foram impostas a partir do centro, [...], mas a Ucrânia ‘tinha certa autonomia’ nas áreas de cultura e educação.” Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-60549234>>. Acesso em: 22/03/2022.

¹² Para uma visão cronológica dos 30 anos de independência da Ucrânia, *vide* matéria publicada por Eve Conant, em 07 de março de 2022, na National Geographic, intitulada “Linha do tempo mostra os 30 anos de luta pela independência da Ucrânia”. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/03/linha-do-tempo-mostra-os-30-anos-de-luta-pela-independencia-da-ucrania>>. Acesso em: 23/03/2022.

vice-prefeito de sua cidade natal. Apenas cinco anos depois, em 1999, Putin foi nomeado a primeiro-ministro do então presidente russo Boris Yeltsin.

Ocorre que, mesmo com a renúncia de Yeltsin no ano seguinte, 2000, Vladimir Putin consegue ser eleito presidente da Rússia no primeiro turno com apoio do seu antecessor, tendo forte aclamação popular graças ao desempenho das forças armadas russas na segunda guerra da Chechênia, entre os anos de 1999 e 2009, fortalecendo na população o ideário da grande nação russa.

Fato é que o presidente Vladimir Putin já está há mais de 20 anos no poder e nele poderá permanecer até 2036, em razão de uma lei sancionada em 2021 que permite que ele concorra a mais dois pleitos eleitorais após o término do atual mandato.



Fonte: Publico.pt

Inicialmente a Ucrânia moderna e independente manteve os fortes laços políticos e econômicos com a Rússia que foi a mais influente república da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Porém, posteriormente houve uma gradativa aproximação do novo país com o Ocidente, a Europa e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Como exemplo, veja-se que houve um início de tratativas entre a Ucrânia e a União Europeia (UE) para celebração de um Acordo de Associação.¹³

Esta aproximação com as potências ocidentais nunca foi bem vista pela Rússia, que forçou politicamente a retirada do governo ucraniano da mesa de negociações, gerando uma onda de protestos conhecida como Euromaidan (Primavera Ucraniana) e acabou culminando na renúncia do então presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovych e a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014.

Diante de todas essas anotações históricas é possível constatar que o novo estado ucraniano já nasceu com forte contraste regional interno entre o leste do país que viveu muito tempo sob domínio russo, possuindo muitos praticantes do catolicismo ortodoxo e falantes do idioma russo, e o oeste ucraniano, o qual esteve por mais tempo sob domínio de países europeus, sobretudo da Polônia e do Império Austro-Húngaro, possuindo muitos habitantes praticantes da igreja Greco-Católica Ucraniana (ou Igreja Arcebispa Maior Ucraniana), de rito litúrgico Bizantino, que reconhecem o Papa como seu líder espiritual.

3. A ideia de soberania em movimento

Após uma sucinta análise do processo de construção da identidade ucraniana e dos fatores de aproximação e distanciamento entre os ucranianos e russos, torna-se agora necessário compreender os motivos que levaram o atual presidente da Rússia, Vladimir Putin, a determinar a invasão da Ucrânia. O território foi um fator certamente determinante para tal decisão, mas não o único. Os conflitos da Geórgia (2008) e Crimeia (2014) já davam a dimensão da forte tensão que se formava e da preocupação da Rússia com relação à necessidade de aumentar a sua proteção fronteiriça e ocupar locais estratégicos na região. Isto porque, havia considerável temor quanto a ataques e invasões de países vizinhos aliados a potências consideradas hostis pelo regime de Moscou, na medida em que observava com atenção os avanços estratégicos de expansão territorial da OTAN, ocorrida nos últimos anos.

Pois bem. O mundo vive hoje um estágio de transição entre períodos de compreensão do Estado e de diversas instituições e institutos ligados aos mais diversos campos da vida em sociedade. A forma de viver alterou-se significativamente e, com isso, todo o tecido social passou a ser reordenado. O marco central da vida em coletividade, que é a vinculação a um

¹³ Vide in Conselho Europeu. Conselho da União Europeia. Relações da UE com a Ucrânia. Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eastern-partnership/ukraine/>>. Acesso em: 23/03/2022.

território no qual se situa a esfera privada e suas primeiras relações, passou a ser relativizado¹⁴. O mundo, nas últimas décadas deu sinais de mais abertura, menos pela vontade dos Estados e mais em virtude das tecnologias logísticas e de comunicação à disposição¹⁵. A globalização é protagonista desse processo. Cuida-se, contudo, de um processo complexo, de caráter transformador e incidência, em graus diferenciados, nas mais distintas searas e nos mais longínquos territórios.

Pelo fato de a globalização propiciar uma forte circulação de pessoas, capital, informação e tecnologia, em uma velocidade tão grande quanto os meios de comunicação podem sustentar, cria-se um questionamento em torno da autoridade do próprio Estado, enquanto instituição capaz de, no exercício de sua soberania, reger as situações e relações travadas em seu território, valendo-se, para tanto, inclusive, do uso do poder de violência institucional.

Novos e consideráveis fluxos de poder são formados ao lado daquele tipicamente estatal. Para constatar tal afirmação, basta notar que a comunidade internacional não mais é composta apenas por Estados, tendo-se verificado a impostergável necessidade de ampliá-la e englobar os organismos internacionais públicos e privados que multiplicaram e exercem significativa influência nessa esfera de poder.

Multinacionais e outros organismos não-governamentais movimentam montante de capital superior em larga medida ao produto interno bruto (PIB) de muitos países e, não raro, utilizam-se sem pudor do seu poder (econômico convertido em político) para traçar a pauta governamental.

A situação de fragilização da soberania e da noção de território, e o intenso ritmo de circulação de mercadorias e pessoas evidenciam os profundos impactos da globalização no Estado como fora concebido na modernidade, cujo marco internacional encontra-se nos tratados de Westfalia (1648). Esse modelo de Estado parece não conviver muito bem com as mudanças introduzidas pela dinâmica mundial nas últimas décadas, aceleradas principalmente pelo avanço da tecnologia, especialmente nas áreas de comunicação e transporte, apenas para destacar duas mais evidentes.

A globalização, é bom que se diga, é um processo artificial e complexo, que não sendo um fim em si mesmo, mas uma força de transformação apta a impactar noções estruturais

¹⁴ ARENDT, H. **A condição humana**. 10.ed. São Paulo: Editora Forense, 1995.

¹⁵ Dados publicados pela organização *Our World in Data* (Nosso Mundo em Dados) mostram que a capacidade computacional aumentou exponencialmente no mundo, sendo que o seu tempo de duplicação para os computadores pessoais, por exemplo, foi de 1,5 anos entre 1975 e 2009. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/technological-change#computational-power-exponential-growth-of-flops-and-operations-per-second>>. Acesso em: 03/04/2022.

fortemente consolidadas como o Estado e o Direito. Ao afirmar-se a artificialidade da globalização, está-se a apontar o combustível humano que move tal processo. É a inventividade, a capacidade humana de descobrir e expandir seu domínio sobre a natureza a razão primária para o desenvolvimento científico, tecnológico e social que se pode observar. Essa habilidade humana marcada pela superação dos limites naturais evidencia um tipo de organização social complexo, uma sociedade que põe a natureza sob a condição de objeto primário do conhecimento.

Por sua vez, a complexidade é caracterizada pelas variadas especializações em que o processo de globalização se desdobra, sendo mais evidente, mas não a única, a vertente econômica.

Conectando o mundo em uma rede em que as distâncias geográficas não mais são barreiras observáveis, a globalização pode ser vista como uma implosão progressiva, em velocidade cada vez mais acelerada, de proteções internas erguidas pelos Estados contra as inevitáveis interações com o exterior, isto porque no atual sistema econômico global, os países trocam não apenas produtos finais, mas também insumos intermediários, o que tem criado progressivamente uma intrincada rede de interações e interdependências econômicas que cobrem o mundo inteiro, cujo perigo para a soberania dos Estados ficou bastante evidenciado no mundo em decorrência do atual conflito bélico envolvendo a Rússia e a Ucrânia.

A globalização provoca a circulação de riqueza, tecnologia, informação e pessoas em velocidade tal que força o Estado a modificar-se, sob pena de parecer insuficiente em relação ao atendimento das necessidades primárias de seus cidadãos.

Por outro lado, tal dinâmica impõe alguns cuidados, tanto mais porque o processo de globalização é disforme, seu alcance tem variada intensidade, a qual, em regra, é proporcional ao nível de desenvolvimento de cada Estado. O protecionismo, especialmente econômico, pode ser considerado um leve fator de desaceleração do ritmo de globalização a nível interno, porém, não é suficiente para estancar o processo.

É fundamental também, para a adequada percepção desse fenômeno, afastar-se da compreensão partidarizada, resultado da exacerbação do pensamento de esquerda que qualifica a globalização como uma releitura do imperialismo. Por um argumento muito singelo essa forma de pensar é questionada quanto ao fato de a globalização ter afetado também as mais potentes nações, estando além do controle de grupos, partidos ou instituições. As barreiras americanas, britânicas, francesas, germânicas, chinesas, todas enfim, estão vindo abaixo. Não

se está tratando de um movimento de mercadorias, mas de pessoas e grupos se lançando e indo mais além dos territórios aos quais estavam antes atrelados.

Ernesto Grün aporta pertinentes observações ao tema, definindo a globalização como um processo de desnacionalização dos mercados, das leis, da política, que é distinta de outro fenômeno que é a internacionalização, a qual é responsável pela gradual inclinação dos Estados a cooperarem mutuamente na esfera internacional, de modo a fortalecer o alcance de suas ações.¹⁶

Essa desnacionalização acresce forte peso a espaços de decisão que superam as fronteiras dos Estados, transcendendo também o clássico Direito dos Tratados, haja vista a complexidade e as formas cada vez mais diferenciadas de decisão que são tomadas aparte do controle democrático e mesmo das normas constitucionais e ainda, não se pode ignorar, mesmo em Estados de perfil mais autocráticos que estejam de costas para a geração de riquezas produzidas pelo capital.

Sistematizando os fenômenos decorrentes da globalização, sob o prisma econômico, seguindo a construção teórica de Georg Sorissen¹⁷, pode-se apontar: a) internacionalização dos espaços econômicos; b) formação de blocos econômicos regionais; c) multinacionalização das empresas; d) ampliação e aprofundamento dos regimes internacionais em matéria econômica; e) pautas globais e f) interação de mercados¹⁸.

Ao Estado é apresentada uma comunidade internacional ampliada, fortemente influenciada por agentes econômicos privados, especialmente controladores de grandes montantes de capital em forma de investimento e empresas multinacionais. Resta aos entes estatais adequar-se à nova dinâmica ou recolher-se ao isolamento temporário, até que se dê a total derrocada de suas barreiras.

O risco que correm os Estados de, nesse cenário de globalização, não terem capacidade de honrar seus compromissos básicos ante os seus cidadãos implica na negação da equação segundo a qual o Estado (como ente coletivo) é uma opção superior à atuação individual de cada um. O raquitismo estatal aqui descrito só poderia conduzir a dois caminhos opostos, quais sejam, a uma positiva mudança rumo à readequação da postura ante a realidade que se põe ou a uma perigosa situação de instabilidade política e econômica de fins imprecisos.

¹⁶ GRÜN, Ernesto. Las globalizaciones jurídicas. *Revista Facultad de Derecho y Ciencias Políticas*. Vol. 36. N. 105. P. 323-339. Medelin, 2006. P. 327.

¹⁷ SORENSEN, Georg. *La transformación del Estado*. Valência: Tirant Lo Blanch, 2010. P. 52

¹⁸ Sorensen adota a globalização como um processo eminentemente econômico, assim, sem desprezar suas outras vertentes, aponta o comportamento econômico dos Estados e dos mecanismos privados como elementos centrais da globalização.

Está-se diante de uma inconformidade de conceitos que Giuseppe Duso denominou de *crise epocal*¹⁹. Institutos tradicionais da ciência política não explicam mais corretamente as profundas alterações que a realidade vem sofrendo, apontando-se para a necessidade de rediscussão e revisão.

Nesse cenário, um conceito jurídico-político fundamental que necessita profunda rediscussão é o de soberania²⁰. A globalização operou claramente uma mudança na qualidade e na consistência da soberania, questão tratada aqui sob a perspectiva conceitual.

A concepção de soberania (externa) é a manifestação de existência e independência de um Estado destinada especialmente a outros Estados, em posição de igualdade. Sob termos históricos, é possível afirmar que a soberania que objetivava impor um Estado perante outros Estados, num contexto de constantes conflitos territoriais e comerciais, uma ideia de independência absoluta não cabe mais em termos puros nos tempos globalizados.

Com isso não se está dizendo que os Estados eventualmente não se confrontem com outros em busca de reafirmação de sua soberania²¹, mas este não é um cenário predominante como fora outrora²². No entanto, o cenário atual envolve um mundo ainda mais conflagrado – com alteração significativa dos protagonistas e de seus estratagemas –, em que os Estados exercem forte poder político, mas dividem esse poderio com agentes privados. A rivalidade entre Estados tem por eixo o enfrentamento entre Estados Unidos e China, ambos movendo países e blocos estratégicos (como a Rússia e Reino Unido) em busca do alcance de seus objetivos geopolíticos que gravitam em torno do reordenamento da ordem mundial. A isso se quer chamar de perda ou déficit de soberania, ou, indo além, de fim da soberania²³.

Não parece que a solução para a crise de paradigmas esteja em proclamar o fim da soberania como contraponto às resistências estatais em defesa deste conceito em seus termos clássicos, mesmo que em desacordo com a realidade. O ponto fulcral está em analisar qual o

¹⁹ DUSO, Giuseppe. ¿Qué conceptos políticos para Europa? *Revista de Filosofía Moral y Política*. Isegoría. Nº 37, julio-diciembre, 2007, 63-80. P. 64.

²⁰ Segundo Martin Kriele, “dos conceptos representan la clave para La comprensión de casi todos los problemas de la teoría del Estado, referentes al Estado moderno: soberanía y legitimidad”. Para o autor, legitimidade constitui o lado interno da soberania. KRIELE, Martin. **Introducción a La teoría del Estado**. Fundamentos históricos de La legitimidad del Estado Constitucional Democrático. Buenos Aires: Delpalma, 1980. P. 13

²¹ O mais notável caso envolvendo Europa e América do Sul é a disputa das Ilhas Malvinas por Reino Unido e Argentina.

²² Segundo dados publicados pela organização *Our World in Data* (Nosso Mundo em Dados) demonstram o número absoluto de mortes de guerra vem diminuindo desde 1945 e nos últimos anos, o número anual de mortes de guerra tende a ser inferior a 100.000. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/war-and-peace#the-absolute-number-of-war-deaths-has-declined-since-1945>>. Acesso em: 03/04/2022.

²³ Neste sentido, ver Duso. *Op. Cit.*

conteúdo possível do conceito de soberania para os tempos atuais. Para tanto, é necessário partir do conceito vigente e avançar rumo à sua ressignificação.

Para prover substrato teórico hábil a sustentar os argumentos aqui contidos, é de bom tom assentar alguns pontos de um conceito consagrado de soberania, emanados de Martin Kriele. O autor distingue a soberania interna da externa. Quanto àquela, faz duas distinções básicas, a soberania do Estado constitucional, em que todo o Estado é soberano frente à sociedade e a soberania de um soberano, que é a soberania nos moldes absolutistas²⁴. Em um modelo de Estado constitucional, a soberania está condicionada à legitimação, logo centrada na noção de poder popular com níveis formais e materiais de satisfação. A soberania interna faz do Estado a fonte primordial do Direito.

Consoante já se disse acima e seguindo os ensinamentos de Kriele, a soberania externa está baseada na independência e na igualdade. Independência quer significar que o Estado não seja uma colônia ou parte de um Estado Federal. Já no campo da igualdade, quer significar que os Estados se reconheçam mutuamente enquanto tal, independentemente de aspectos e desigualdades fáticos, como economia, potencial bélico e outros. Nesta seara soberana, no modelo clássico, operava o Direito Internacional²⁵.

Retomando o pensamento de Georg Soresen, o autor fornece uma importante base sobre a qual se pode pensar a soberania hoje, bem como uma mudança em seu conteúdo. Para Soresen, no plano interno a soberania se manifesta pela independência constitucional. Do ponto de vista externo, pelo pertencimento, em igualdade de condições à comunidade internacional²⁶.

Sob outro prisma, a soberania apresenta um núcleo jurídico que contém a independência constitucional. Ao lado, estão duas normas reguladoras: a não-intervenção e a reciprocidade. Estes dois aspectos estão reunidos sobre uma realidade material do Estado, que implica na capacidade real de ação e controle²⁷.

Muito já se falou aqui sobre as mudanças operadas pela globalização, todas elas incidem sobre a realidade material do Estado, reduzindo/alterando sua capacidade de controle. Este câmbio que se opera obviamente vai influenciar nos demais fatores, a ponto de questionarem alguns autores pelo fim da soberania e pelo fim do Estado.

Tem-se o deslocamento da realidade material do Estado pós-westfaliano para um novo momento histórico, em que os Estados, como se buscou demonstrar, respondem às mudanças

²⁴ KRIELE, *op. Cit.* P. 65-66.

²⁵ *Op. Cit.* P. 82

²⁶ SORESEN, *op. Cit.* P. 126

²⁷ *Op. Cit.* P. 128.

relacionadas à quebra de sua soberania por meio de uma interação internacional conjunta mais estreita – submetendo-se a uma estratégia ocidental mais clara, comandada pelos Estados Unidos, ao lado de atores como a União Europeia –, ou pelo alinhamento à estratégia de fortalecimento interno do poder Estatal, com enfraquecimento da democracia, recurso claro ao discurso nacionalista e gravitação internacional em torno da economia e da estratégia chinesa. Nesse último caso está inserido o exemplo russo.

Como é possível um retorno a um modelo de fechamento ante o cenário de abertura provocado pela globalização? Manuel Castells provê essa explicação. O alcance desse processo erosivo da globalização é tão grande, que uma enorme gama de não contemplados ou não participantes desse grande movimento passam a recrudescer-se em elementos pré-políticos muito mais afeitos ao tradicional modelo de Estado-nação, o que fortalece significativamente a emergência dos discursos nacionalistas e ainda dá sobrevida ao modelo de Estado fortalecido. Para o autor existem duas tendências que são igualmente decisivas para compreender o mundo hoje²⁸:

De um lado, a formação de um mundo de redes que articula as atividades estruturantes das sociedades em todos os âmbitos. Tal é a globalização, que consiste em uma rede global de redes globais, da economia, da comunicação, do poder, da ciência e da tecnologia. Qualquer atividade relevante, em qualquer lugar do mundo, gravita em direção a essas redes nas quais se concentram o poder, a riqueza, a cultura e a capacidade comunicativa. As elites dominantes no planeta seguem essa lógica de redes e se articulam entre si, frequentemente adornando-se com o sugestivo título de cidadãos do mundo. Por outro lado, para a imensa maioria dos humanos, carentes da capacidade institucional de ação sobre os programas que governam tais redes, o sentido de suas vidas provém de sistemas culturais específicos construídos por uma experiência comum: seus territórios, idiomas, suas culturas e histórias próprias, seu grupo étnico, sua nação, sua religião. A lógica das redes penetra nessas comunas culturais sem chegar a dissolvê-las. Porque quanto mais abstrato se torna o sistema de poder articulado nas redes, mais a defesa do direito a ser se refugia em identidades irredutíveis às lógicas dominantes. Ao poder da rede opõe-se o poder da identidade.

Cientes dessa fissura na realidade de redes da globalização, o contra movimento de Estados em defesa de sua soberania opera-se como se dá no caso russo. Ao lado desse aparente – e apenas aparente, porque a não escolha pelo global é justificada por uma relação bilateral umbilical com a China – fechamento internacional, há uma progressiva deterioração da democracia interna, justamente amparada no discurso sobre a necessidade de fortalecimento do Estado ante as ameaças do inimigo estrangeiro. Uma retórica muito mais acessível e compreensível do que o desconhecido destino a que leva a globalização.

²⁸ CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Trad. Joana A. Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 93.

Todo esse processo fragiliza elementos de um contexto que poderiam apontar para um avanço do processo civilizatório, entendendo-se como tal a expansão progressiva de condições materiais adequadas e, por consequência, mais direitos e liberdade a um maior número de pessoas em todas as partes do globo, tanto que a ideia de democracia se constituiu como objetivo central da comunidade internacional após a Segunda Guerra Mundial.

O resultado do confronto gerado por regimes nazi-fascistas de retórica totalitária recordou o mundo dos horrores que podem ser produzidos pelo Estado, ressaltando a importância da existência de regimes democráticos cujos mecanismos de controle de poder quebrassem o ciclo da repetição histórica. Assim, a ação dos vencedores desse marco histórico do século XX consistiu na imposição de modelos democráticos, muitas vezes precariamente construídos, por absoluta inexistência de cultura constitucional e democrática, nos países em que foram implantados.

Mesmo que o compromisso com a democracia tenha se estabelecido no pós-guerra, até a década de oitenta o que se verificava eram episódios autoritários em diversos desses países, incluindo o Brasil²⁹. Consoante afirma Boaventura de Sousa Santos³⁰ a década de 80 apesar de ter sido marcada pelo aumento das desigualdades sociais, com agravamento das condições sociais e das assimetrias entre países ricos e pobres e predomínio claro do discurso conhecido como neoliberal – que foi amarrado à democracia formal – houve também um processo de acentuação da atuação dos movimentos sociais, queda de regimes autoritários, fim do *apartheid*, entre outros fatos históricos que fizeram da década de 90 um espaço temporal melhor.

No entanto, mesma sorte não assiste o mundo na virada do século. A partir dos anos 2000, verifica-se uma progressiva reversão do quadro de avanço da democracia pelos países do mundo.

Os cientistas sociais José del Tronco e Alejandro Monsiváis-Carrillo³¹ debatem a redução ocorrida na quantidade de democracias liberais nos últimos anos e o retorno de uma retórica autoritária em diversas partes do mundo, fenômeno que denominaram de erosão democrática.

²⁹ Nesse sentido: CHUEIRI, Vera Karam de; CAMARA, Heloisa Fernandes. (Des)ordem constitucional: engrenagens da máquina ditatorial no Brasil pós-64. **Lua Nova**. São Paulo, n. 95, p. 259-288, Ago, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-64452015000200259&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em 12/03/2022.

³⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

³¹ DEL TRONCO, José; MONSIVÁIS-CARRILLO, Alejandro. La erosión de la democracia. **Revista de Estudios Sociales** [online]. Bogotá, 74, 2020, p. 2-11.

Para os autores, vive-se uma nova onda de autoritarismo, revertendo os notáveis avanços democráticos ocorridos no final do século XX. Tomando-se apenas o marco temporal entre 2009 e 2019, mais países tornaram-se autocracias do que democracias e pela primeira vez desde 2001 tem-se mais autocracias do que democracias no mundo, merecendo ainda destaque o que chamaram de retrocessos democráticos, os quais estão ocorrendo em eixos de democracias consagradas como na União Europeia, especificamente na Hungria, Turquia, Polônia e, no continente americano, nos Estados Unidos³².

Os nacionalismos infelizmente não sumiram com o fim do século XX. Sofreram modificações conceituais e operacionais, passando a figurar como uma bandeira de retorno a um passado supostamente glorioso, não raro vinculado a modelos autoritários. Tal ascensão nacionalista ocorre inclusive na própria União Europeia dentro de cada Estado integrante do bloco, mas ainda mais intensamente em outros países, incluindo a China. Para Yascha Mounk³³, cuja família descende de cidade situada no território ucraniano:

O ressurgimento do nacionalismo tem sido ainda mais acentuado fora da União Europeia. Na Europa Central e no Leste Europeu, governos populistas tiveram êxito em mobilizar um nacionalismo invejoso, desconfiado e xenofóbico contra a democracia liberal. A Turquia rapidamente degenera em uma flagrante ditadura encabeçada por um líder autoritário que fundiu nacionalismo a islamismo. Até países como Índia e China – que vão ajudar a determinar o futuro da ordem mundial e de que se podia supor que flertassem com arranjos pós-nacionais devido a suas dimensões imensas – estão vivendo um renascimento do nacionalismo (...) para o bem ou (é bem possível) para o mal, o nacionalismo parece estar destinado a ser no século XXI o que foi nos séculos XIX e XX: a força mais decisiva de sua época.

Esse ressurgimento do nacionalismo, como demonstrado na passagem, não raro tem dado abertura à ascensão de regimes populistas com tendência fascista e autoritária, com flerte a rupturas democráticas. E essa tendência consolida-se nessa virada para o século XXI, fazendo com que o alerta de Mounk sobre o nacionalismo como força determinante da história do século XXI seja extremamente pertinente, especialmente quando o cenário expõe um jogo dos protagonistas da comunidade internacional em torno de consolidação ou erosão de democracias atendendo, respectivamente, ao interesse americano ou chinês.

O contexto de erosão democrática russa remonta exatamente à virada do século. O primeiro mandato de Vladimir Putin à frente da Rússia iniciou-se em 07 de maio de 2000, perdurando – não de forma ininterrupta –, mas hegemônica, até a atualidade.

³² Op. Cit. P. 4.

³³ MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. Trad. Cássio de Arantes Leite, Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. P. 237.

Do início de seu poder até o que se verifica mais intensamente a partir de fevereiro de 2022, tem-se uma contínua erosão de um modelo político que foi reformado e popularizado após a queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Putin vai na contramão desse movimento, retomando o poder presidencial, escamoteando a democracia com a fragilização e aumento da dependência das instituições ao Poder Executivo.

O contra movimento russo consiste justamente nesse apelo nacionalista de apogeu das glórias passadas, do grande Império russo³⁴, que teoricamente permitiria uma maior satisfação econômica e social de todos os cidadãos. Isso como mera retórica, pois no campo democrático, o que se verifica é a garantia de que o poder decisório não esteja nas mãos do povo, quer por fragilização das instituições democráticas, quer por eliminação dos opositores.

As eleições persistem, no entanto, não se tem opositores aptos a competir. Rivais potenciais, como Alexei Navalny são retirados do processo político e aprisionados sob denúncias não confirmadas de tortura – o que, por si só, passa clara mensagem sobre a democracia meramente fotográfica vivida na Rússia.

Em todo esse cenário de embate entre democracias e autocracias, verifica-se o claro jogo entre americanos e chineses. Em quase todas as autocracias que se estabeleceram, viu-se os laços econômicos com a China aumentar, ao passo que o poderio americano diminuiu.

Fora isso, a China mantém a pressão de democracias ainda vigentes a partir da dependência das operações comerciais, especialmente as operações relativas às commodities.

Ainda não está clara a nova posição da diplomacia americana, mas é certo, a partir do que se verifica na Guerra da Ucrânia, que uma nova linha vermelha foi traçada, demonstrando a compreensão dos Estados Unidos da perda de espaço em seu domínio sobre a comunidade internacional. A estratégia de sabotagem chinesa contra os americanos foi percebida tardiamente. Ainda não estão claros os próximos capítulos, mas já é certo que uma retórica muito mais agressiva será a tônica das relações internacionais dos próximos anos.

4. As causas e implicações da invasão russa no território ucraniano

Voltando-se a atenção para os movimentos da Rússia nos últimos anos e para os realizados mais recentemente no cenário geopolítico, é possível encontrar indícios sobre o que

³⁴ Há, ainda segundo Yascha Mounk, um rebaixamento das expectativas da população com os atuais resultados dos países democráticos que faz com que a população sinta que o passado permitia melhor mobilidade social e compartilhamento da riqueza socialmente produzida, o que faz com que haja uma aproximação com regimes autoritários que pregam esse retorno a esse modelo estatal nostálgico.

foi relatado no tópico anterior sobre o papel do Estado em um contexto de globalização. Com as implicações decorrente da própria dinâmica gestada pela globalização, países com grande protagonismo, em que suas elites tinham o poder decisório não submetidos a qualquer escrutínio questionador ou que não necessitavam competir no cenário decisório com esferas não sujeitas ao seu controle, perceberam o risco das mudanças e passaram a atuar por meio de um processo de estancamento das possibilidades de risco apresentadas pelos avanços tecnológicos, facilidade de comunicação, finanças e pessoas, de modo a retirar algum proveito do que já era inevitável e, ao mesmo tempo, pregar um retorno ao passado, alimentando a ideia das conquistas e grandezas alcançadas no passado e que davam destaque as suas nações no âmbito global.

A invasão russa no território ucraniano é, sem dúvida, um divisor de águas na estrutura de poder global. Desde a década de 40 do Século XX um evento tão perturbador era não experimentado no cenário global. Não somente pela localização em que ocorre, por mais relevante que isso seja, nem tanto pelo número de mortos e feridos, pela destruição ocasionada, mas pelas partes envolvidas direta e indiretamente e pelas reações provocadas, notadamente nos maiores eixos da economia global, sem que os países detentores dos maiores e mais modernos arsenais bélicos do mundo possam utilizar contra Rússia justamente pelo fato de esta nação dispor de recursos de guerra equivalentes.

O forte ruído não vem de um longínquo país como o Afeganistão ou mesmo Iraque ou de um país africano. Trata-se de uma média potência econômica, capitalista, com grande arsenal bélico e com tradição histórica conhecida globalmente. Asfixiar ou intimidar um país dessa envergadura não parece uma operação simples.

Armas não podem ser utilizadas para evitar a expansão do conflito. Embargos econômicos não parecem suficientes, até mesmo porque conhecendo a dinâmica do mundo globalizado, Putin preparou-se minimamente para enfrentar as restrições. Ademais, a liderança da principal economia global já se encontra ameaçada pela China, que lidera grande número de países não comprometidos com a democracia liberal e com os quais mantém fortes laços em virtude de interesses econômicos, na medida em que esses países são dela dependentes para a aquisição de *commodities* por eles ofertadas, as quais, diga-se de passagem, para China também são vitais na sua qualidade de consumidora, já que essas matérias-primas alimentam o seu gigantesco parque industrial e tecnológico. Essa situação cria mais um colchão de proteção para os interesses russos.

Ademais, é de se destacar que a China lidera a orquestração da nova forma de governança global, a qual paulatinamente vai sendo construída de acordo com os seus interesses. Dentro desse contexto, por óbvio, as noções de democracia representativa perdem espaço. Por outro lado, as formas de ampliação de influência dos países sem perfil de democracia liberal é cada vez maior em virtude de estratégias que garantem o aumento do produto interno bruto sem as limitações do jogo democrático, ainda mais complexo em um mundo globalizado.

Por mais que o Ocidente queira, por meio de uma estratégia não utilizada anteriormente, pelo menos não na mesma medida em que vem sendo adotada contra a Rússia, bloqueando seus ativos no exterior e das pessoas mais ricas desse país, mesmo que isso contrarie o direito vigente nos países que adotam essas medidas, não consegue alcançar o objetivo de estrangular a economia russa, uma vez que ela possui o apoio, mesmo que não declarado, de todos os países que adotam sistemas de governança não comprometidos com a democracia liberal. No tópico anterior, por sinal, ficou registrado que o número de estados não democráticos aumentou se comparados ao democráticos nos últimos anos.

O fato é que, conforme registrou Fareed Zakaria³⁵ a Guerra marca início da era pós-americana. Segundo ele, os trinta anos seguidos da chamada pax americana, decorrentes da queda do muro de Berlim e do conseqüente esfacelamento da União Soviética, encontrou o seu fim com a invasão russa no território ucraniano.

A consumação da invasão em 24 de fevereiro de 2022 foi sendo gestada paulatinamente em virtude de ações cada vez mais ousadas dos Estados Unidos, por meio da OTAN. Confiante em sua inquestionável hegemonia, os americanos estenderam as suas bases a países cada vez mais próximas das fronteiras do território russo e em países que antes da queda do muro de Berlim encontravam-se sob a influência do Kremlin. Essa estratégia parece não ter funcionado porque os americanos não se deram conta do processo de reação à fragilização de um Estado tão importante como o russo.

O que é realmente difícil de entender é o motivo pelo qual os americanos não adotaram outra estratégia, tanto mais porque os russos incorporaram em larga medida a dinâmica de uma sociedade capitalista.

O certo é que diante da invasão russa no território ucraniano a política se sobrepõe mais fortemente à economia. Durante os últimos trinta anos a grande preocupação esteve direcionada

³⁵ Para Farred Zakaria, a guerra marca início da era pós-americana. ZAKARIA, Fareed. A invasão da Ucrânia por Putin marca o início de uma era pós-americana. **Washingtonpost**. 10 de março de 2022. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2022/03/10/why-the-west-cant-let-putin-win-in-ukraine/>>. Acesso em: 23/03/2022.

ao fortalecimento dos mercados e sua conseqüente expansão, isso tudo ocasionado por uma aparente sensação de segurança.

Com a emergência do conflito, um novo contexto passa a ser construído. Os Estados passam a observar que precisam retornar a determinadas dinâmicas abandonadas há algum tempo. As cadeias econômicas globais passam a ser revistas de modo mais acelerado. Os países precisam ser mais autossuficientes, não somente na perspectiva da segurança, o que significa estarem bem armados, como também desenvolver um parque industrial próprio e independente, assim como resolver nos seus próprios territórios as condições para alimentar as suas populações, porquanto muito arriscado depender nesse nível de outras potências, notadamente em caso de conflitos deflagrados. Por outro lado, precisam criar sintonias em forma de governança no âmbito dos seus territórios, que deem mais autonomia aos seus líderes, mantendo-se distante das regras complexas dos sistemas democráticos constitucionais.

Não é possível antever se a Rússia sairá brevemente da Ucrânia. Não é possível saber se anexará outras partes desse país ou apenas dará condições para a criação de outros estados sob sua influência com a subtração de outras regiões do grande território Ucrâniano. Contudo, é possível afirmar que a Rússia não sairá derrotada. Essa vitória, fulminante ou por meios negociados, já terá determinado uma nova etapa da História: a hegemonia do Ocidente é passado.

5. Considerações finais

Não há dúvida quanto ao fato de que se vive atualmente um ambiente conflagrado no mundo e o risco de um conflito bélico global nunca foi tão elevado desde a Guerra Fria. Isto é fruto de intensas tensões não resolvidas entre os interesses geopolíticos das potências ocidentais, da Rússia e do oriente, especialmente da China, que por um tempo estiveram até adormecidas ou momentaneamente apaziguadas, mas nunca foram resolvidas, esquecidas e/ou apagadas da história e, por esta razão, não se pode afirmar que este conflito surgiu de uma hora para outra sem qualquer justificativa.

Por certo, presença militar maciça de forças russas avançando ao longo do território da Ucrânia revela muito mais do que um conflito regional ou uma guerra de expansão territorial. Em verdade, este conflito expõe que acúmulo de desigualdades produzidas entre as grandes potências ocidentais, a Rússia e o Oriente, desde o pós-guerra, começou a dar sinais de

esgotamento e intolerância por parte de outras potências bélicas. Este conflito recente é entre o modelo de colonialismo tradicional russo e o neocolonialismo global de vertente ocidental.

Possivelmente, a Rússia e seus aliados mais próximos de sua zona de influência representam apenas o primeiro caso de insurreição militar em face da dominação ocidental, notadamente dos Estados Unidos, mas não se pode esquecer de outros cenários geopolíticos, como o que ocorre no mar do sul da China, envolvendo a disputa de influência por Taiwan ou ainda a questão da península da Coreia, entre outros.

A população ocidental só agora começa a perceber as graves implicações da globalização, as fragilidades dos seus Estados democráticos, o enfraquecimento da soberania dos Estados e o novo papel geopolítico alcançado por grandes conglomerados econômicos transnacionais e organismos internacionais.

Volta-se a repetir. Não é possível antever se a Rússia sairá brevemente da Ucrânia. Não é possível saber se anexará outras partes desse país ou apenas dará condições para a criação de outros estados sob sua influência com a subtração de outras regiões do grande território ucraniano. Contudo, é possível afirmar que a Rússia não sairá derrotada. Essa vitória, fulminante ou por meios negociados, já terá determinado uma nova etapa da História: a hegemonia do Ocidente é passado.

Referências

ARENDDT, H. **A condição humana**. 10.ed. São Paulo: Editora Forense, 1995.

AS origens históricas do conflito entre Rússia e Ucrânia. **BBC News Brasil**. Disponível em: <<https://youtu.be/DC03uDjzG58>>. Acesso em: 23/01/2022.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Trad. Joana A. Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHUEIRI, Vera Karam de; CAMARA, Heloisa Fernandes. **(Des)ordem constitucional: engrenagens da máquina ditatorial no Brasil pós-64**. Lua Nova. São Paulo, n. 95, p. 259-288, Ago, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-64452015000200259&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em 12/03/2022.

COMO nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia. BBC News Mundo, 27 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-60549234>>. Acesso em: 22/03/2022.

DEL TRONCO, José; MONSIVÁIS-CARRILLO, Alejandro. **La erosión de la democracia.** Revista de Estudios Sociales [online]. Bogotá, 74, 2020, p. 2-11.

DUSO, Giuseppe. **¿Qué conceptos políticos para Europa?** Revista de Filosofía Moral y Política. Isegoría. Nº 37, julio-diciembre, 2007, 63-80.

GARDNER, Frank. Mariupol: **4 motivos que explicam importância da cidade ucraniana para Putin.** BBC News Brasil. 22 março 2022 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60824820>>. Acesso em: 22/03/2022.

GÚZEVA, Aleksandra. **Por que a antiga Rus escolheu o cristianismo oriental como religião?** Russia Beyond. 06 de março de 2022. Disponível em: <<https://br.rbth.com/historia/86475-por-que-a-antiga-rus-escolheu-cristianismo>>. Acesso em: 03/04/2022.

GRÜN, Ernesto. **Las globalizaciones jurídicas.** Revista Facultad de Derecho y Ciencias Políticas. Vol. 36. N. 105. P. 323-339. Medelin, 2006.

KRIELE, Martin. **Introducción a La teoría del Estado. Fundamentos históricos de La legitimidad del Estado Constitucional Democrático.** Buenos Aires: Delpalma, 1980.

MENDES, Filipa Almeida. **A história da Ucrânia em sete mapas: o caminho até à soberania.** PÚBLICO Comunicação Social SA. 15 de março de 2022. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2022/03/15/infografia/historia-ucrania-sete-mapas-caminho-ate-soberania-673>>. Acesso em: 22/03/2022.

MITO de Putin que compara Crimeia com Jerusalém deixa historiadores russos perplexos. InfoMoney. 05 de dezembro de 2014. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acesso em: 22/03/2022.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la.** Trad. Cássio de Arantes Leite, Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O número absoluto de mortes de guerra diminuiu desde 1945. Our World in Data. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/war-and-peace#the-absolute-number-of-war-deaths-has-declined-since-1945>>. Acesso em: 03/04/2022.

PODER computacional: crescimento exponencial de FLOPS e operações por segundo. Our World in Data. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/technological-change#computational-power-exponential-growth-of-flops-and-operations-per-second>>. Acesso em: 03/04/2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 7.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SÃO Vladimir de Kiev. **Arquidiocese de São Paulo.** Disponível em: <<https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-vladimir-de-kiev>>. Acesso em: 22/03/2022.

SORENSEN, Georg. **La transformación del Estado.** Valência: Tirant Lo Blanch, 2010.

SOUZA, Renata. **Raízes da crise estão na sabotagem a acordos, diz embaixador da Rússia na ONU.** CNN Brasil. 28 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/raizes-da-crise-estao-na-sabotagem-a-acordos-diz-embaixador-da-russia-na-onu/>>. Acesso em: 23/03/2022.

TORTELLA, Tiago; CATACCI, Mariana. **Putin reconhece independência de duas áreas separatistas da Ucrânia** CNN Brasil. 21 de fevereiro de 2022. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/putin-faz-discurso-sobre-situacao-na-ucrania/>>.
Acesso em: 22/03/2022.

UNIÃO EUROPEIA, Conselho da. **Relações da UE com a Ucrânia. Conselho Europeu.**
Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eastern-partnership/ukraine/>>.
Acesso em: 23/03/2022.

ZAKARIA, Fareed. **A invasão da Ucrânia por Putin marca o início de uma era pós-americana.** Washingtonpost. 10 de março de 2022. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2022/03/10/why-the-west-cant-let-putin-win-in-ukraine/>>. Acesso em: 23/03/2022.